

Bueno-Aires, 20 de março de 1933

Meu caro João Neves

Julgo que este seja o meu último relatório, pois contamos tê-lo em breve novamente conosco.

Correspondencia Etelvina - A noticia mais interessante, para não dizer mais chocante, é a da passagem do Diario de Notícias á Ditadura. Junto vai uma dolorosa carta do Fausto, a tal respeito. Posso acrescentar que não só o órgão de Porto-Alegre, mas todos os diários associados sofreram igual evolução. Assis Chateau, tem telefonado com insistencia para que o pessoal volte. Austregésilo declara que deixou de ser jornalista. Osvaldo está desolado, mas, naturalmente acabará acompanhando o irmão.

Etelvina lembra, para remediar o golpe, a reparação do "estado do Rio grande". De um modo geral, seria excelente, mas a questão financeira do jornal é complicada. Imagine que, entre os avalistas da divida ao Banco do réprobo, figuram o Dario Crespo e o Teobaldo Fleck...

Eis o que a Etelvina lhe transmite (veio cifrado): "Hugo Paula cumprindo indtruções constantes de sua carta mandou canino (?) João Rio saldo conta. A não ser que queira abrir conta devedora aqui, o que se fará prontamente e sem maiores dificuldades, convem dar ordem a João no Rio sobre o caso do Glâquino. Não veio uma anunciada relação de presos. Naturalmente, esquecimento ao fechar a carta.

Correspondencia - Encaminhei devidamente toda a que veio.

Caso coronelicio- Fracassada a intervenção dos militares, uma comissão constituída pelo Collor, pelo Lusardo e por mim procurou primeiramente o Euclides, que nos recebeu muito bem e, depois de expor documentadamente toda a questão, concluiu por aceder á formula do tertius. Criamos vencida a maior dificuldade, pois o Taborda não se cansava de repetir que outra coisa não queria. Excuso-me de lhe descrever a nossa palestra com este último. Deixo-o ao talento descriptivo do Lusardo. Sabe no que consistia para o cel Taborda a solução por um terceiro? Simplesmente uma no-

va eleição, realizada em S. Paulo e no Rio de Janeiro porque não em todo o país?). Demonstrámo-lhe que o alvitre era inaceitável e mais ainda viria acirrar a separação. Ficámos todavia de dar a nossa resposta mais tarde. O Collor, que a princípio se inclinava pelo Taborde, saiu indignado. Parecia que a resolução final se impunha: reconhecimento puro e simples do Figueiredo. Realizada, porém, uma reunião plenária, isto é, com mais A. Loureiro, E. Leão, Firpo, Ripoli e Mélega, encontrámos o Collor e os dois primeiros numa disposição estranha. Achavam perigosa qualquer resolução decisiva, pois duvidavam de que o Comité tivesse autoridade para impo-la, dadas as lacunas de se ressentia. Assim sendo, entendiam que a providencia preliminar deveria ser a reorganização do Comité, concordando, afinal, com que sómente esta completasse e reforçasse o Comité. Foi quando eu achei prudente propor a suspensão da reunião, que já durava algumas horas, ficando sómente combinado o texto da carta que se enviaria ao Taborde, recusando-lhe a fórmula.

Esta é a situação. Agora, o que eu proporia. Uma vez que de fato o Comité não tem número para deliberar, a Frente Unica competiria resolver a questão coronelicia. Ela foi quem tomou a iniciativa da ação, a ela cabe deliberar, na falta de uma autoridade mais alta. É claro, porém, que o Collor não reconhece aqui nenhum órgão autorizado da F.U., pois chegou a declarar, na aludida reunião, que hoje, pelo PRR nem o proprio dr. Borges poderia falar com segurança. Neste caso extremo, eu me proporia a reconhecer o cel Euclides em nome do PL, para sairmos desta situação que só o Taborde tem interesse em prolongar.

Como vê a situação é cada vez mais complicada e mais complicada ainda se tornou com a divulgação da minha carta ao Moraes Barros. Há, porém, quem julgue que este fato foi um bem, pois teve a virtude de esclarecer a opinião de S. Paulo.

Agora, a minha conclusão: é materialmente impossível fazermos alguma coisa nas atuais circunstancias. Não existe a Frente Unica politica em S. Paulo.

Ainda agora, a direção do PRP recusou publica e desabridamente uma proposta ou uma pretensa proposta de aliança com o PD. E, se fôsse possível fazer alguma coisa, sairia a emenda muito peor do que o soneto. Estamos assistindo a uma fermentação pútrida. Enquanto a ditadura apodrece por um lado, os restos da revolução se decompõem por outro. A nossa questão agora é sair disto.

PROGRAMA MINIMO - Sempre me pareceu que este programa deveria ser muito generico. A cada um dos partidos competiria completá-lo como bem entendesse. Assim não parece que o esteja compreendendo a gente de Porto-Alegre. O que eles pretendem elaborar é um verdadeiro programa de partido. Há graves perigos nisso, pois dentro de cada um dos partidos já o acôrdo não é perfeito.

Efetivamente, no Partido Republicano, o Paím e o Dr. Joaquim Luiz Osorio pleiteiam o ressurgimento dos principios castilhistas. No Partido Libertador há uma questão talvez mais grave: a do parlamentarismo, atualizada por uma forte corrente de opinião. O mais prudente seria, talvez, fazermos um acôrdo puramente eleitoral, em vez de própriomente político. A coisa complicou-se ainda mais com a apresentação do trabalho original do dr. Borges, que, segundo me informam, se pretende dar como programa minimo. A barafunda é tremenda.

Vou encerrar esta carta, que já vai longa. Não acabaria de esurever, se tivesse de lançar no papel tudo quanto tenho a dizer-lhe. Demais, daqui a poucos dias poderemos hablar, o que é mais cómodo.

Um grande abraço
do